



**Ana Teresa Pereira (2020),
O Atelier de Noite,**

Lisboa: Relógio D'Água, 93 pp.

ISBN: 9789896419875

Recensão Crítica de XAVIER MIGUEL*

Através de mais um misterioso livro, Ana Teresa Pereira convida o leitor a perder-se no seu atelier de palavras, coberto de um espesso nevoeiro, que se adensa mais e mais a cada livro. O atelier enquanto espaço de ensaio, de pesquisa e de constante reescrita. A noite enquanto ausência de luz, embalando-nos para o mais profundo do ser, o lado oculto e apenas acessível quando o subconsciente toma a rédea do pensamento e viaja pelo mundo das impressões. Para compreender a escrita de Ana Teresa Pereira é necessário tornar-se espectador da sua eterna reescrita, lendo e relendo a repetição quase obsessiva de temas e ideias que nos apresenta, como se estivesse a todo o momento a estudar a composição de um quadro, ao longo de estudos e desenhos. Como uma peça de teatro, construída e aperfeiçoada progressivamente nos ensaios através das constantes repetições, a sua escrita procura, através de pormenores pincelados em impressões, arquitectar um universo misterioso e profundamente característico. Do mesmo modo são desenhadas as suas figuras, entre as quais se encontram recortes reescritos e recriados de personagens de Charlotte Brontë, Henry James, Daphne du Maurier, entre outros, chegando nesta obra à reescrita da própria Agatha Christie, que tal como os outros surge estilizada pela reescrita etérea de Ana Teresa Pereira. O seu trabalho de escritora pertence ao mistério. Intrigante à primeira leitura, começa contudo a revelar delicados pormenores através da releitura atenta. É uma procura constante, como uma câmara de filmar que foca e desfoca, uma mistura de tinta que atinge o tom e a textura certa, ou um poema em prosa no qual se experimentam palavras e referências até encontrar um sentido e um significado que nos escapa: "*Talvez seja o que distingue as boas histórias: começam uma e outra vez,*

Xavier Miguel | **Ana Teresa Pereira (2020), *O Atelier de Noite*** (Recensão Crítica)

mesmo depois de já termos ido embora." (PEREIRA, 2020: 14). As personagens têm poucas palavras e percorrem velhas casas com grandes jardins cheios de gatos e flores, pequenas aldeias, teatros, ilhas, sempre lugares misteriosos e solitários. Vêem filmes antigos que transformam o seu modo de ver o mundo com uma paleta de cores totalmente *noir*. Lêem romances policiais e passeiam por ruas escuras e sinuosas.

O Atelier de Noite é composto por dois contos: o primeiro com o mesmo título do livro e o segundo intitulado "Sete Rosas Vermelhas". O primeiro texto desenvolve-se em torno do estranho desaparecimento de Agatha Christie durante onze dias, algures em 1926. Motivado pelo desgosto causado pelo pedido de divórcio do marido e pela necessidade de encontrar uma outra identidade que a permitisse fugir de si mesma, essa fuga é narrada a partir do ponto de vista da própria escritora. Nesses onze dias, enquanto procura personagens e histórias para os seus livros, Agatha perde-se a si mesma, forjando uma nova identidade através da qual divaga em torno dos seus desejos, das suas inquietações e dos seus fantasmas, num processo através do qual por fim se encontra a si mesma uma vez mais.

Ao longo do conto, como manchas de tinta num quadro, são frequentes as referências a diversas obras de Agatha Christie (fundamentalmente *As Dez Figuras Negras*), o que alimenta o ambiente do próprio conto, misterioso e em tudo semelhante ao característico ambiente literário a que nos tem vindo a habituar Ana Teresa Pereira: "Como a rapariga da ilha, estou rodeada de fantasmas. Nas minhas noites sem fim." (PEREIRA, 2020: 41). Neste conto podemos ver Agatha Christie a escrever através de fragmentos, de forma completamente oposta ao registo da escrita policial, planeada ao pormenor, mostrando assim ao leitor uma subversão da estrutura geralmente presente nas narrativas policiais, apesar de estar totalmente centrada no ambiente misterioso.

É também possível encarar este livro como um espelho de duas faces, formado por duas abordagens distintas em torno da mesma sensação de angústia, e através do qual as personagens principais (opostas, mas complementares) procuram um sentido que lhes foge constantemente, revelando, assim, dois pontos de vista diametralmente opostos.

Em "Sete Rosas Vermelhas" é a mulher que decide abandonar o seu marido, partindo em busca de algo que lhe escape, e fugindo de algo que não compreende: "Há um tempo para as últimas coisas, o último relógio de pulso, a última gabardina, o último amor, o último livro." (PEREIRA, 2020: 65). O primeiro conto paira em torno do ambiente policial de mistério centrado no desaparecimento, ao que o psiquiatra atesta um estado de fuga dissociativa. No segundo conto a protagonista lê histórias *pulp* e vê filmes *noir*, numa narrativa onde não falta qualquer elemento desse universo profundamente cinematográfico. Embrenhando-se nesse ambiente, o leitor é conduzido ao longo do texto por descrições e referências que o levam a mergulhar progressivamente na descrição lenta das fotografias a preto-e-branco, das meias pretas, dos pés nus, dos dedos sujos de tinta, de um quadro, de um filme, de um livro, de um verso de um poema.

Xavier Miguel | **Ana Teresa Pereira (2020), *O Atelier de Noite*** (Recensão Crítica)

A escrita de Ana Teresa Pereira é uma materialização progressiva, um ensaio misterioso, uma infinita reescrita, ou “uma escrita-pintura”, como lhe chamou Amândio Reis, através da analogia entre os processos de escrita, pintura e representação¹. Do mesmo modo que a lua tem um lado negro, jamais visível ao olhar humano, assim é a sua escrita, nessa procura pelo “lado de lá” da linguagem, através da composição de imagens, impressões e referências, que levam o leitor a mergulhar na busca de algo que está mais fundo do que apenas nas palavras: uma sensação indefinível, uma impressão. Nas palavras da própria autora: “Não importa. Nada as explica a elas, a rapariga do hotel e a rapariga da ilha. Não nascemos para ser explicados.” (PEREIRA, 2020: 19).

Funchal, Julho de 2020

*** XAVIER MIGUEL:** Actor | Mediador Cultural

Nasceu com o Sol em Gémeos em 1993, no Funchal, onde se formou em *Artes do Espectáculo – Interpretação* no Conservatório (CEPAM), completando depois a Licenciatura em *Teatro - Interpretação* na Escola Superior de Música e Artes do Porto (IPP), além de várias formações ligadas ao teatro de rua, circo e dramaturgia. Começou por trabalhar como actor no Teatro Experimental do Funchal (ATEF), onde ainda colabora frequentemente. Foi apresentador do programa *Irreverência* da RTP-Madeira (2012/13) e integrou a equipa da Companhia de Teatro Viv'Arte - Laboratório de Recriação Histórica durante os Verões de 2015 e 2016. Tem vindo a participar e dirigir diversos eventos de animação temática, recriação histórica, teatro e circo de rua um pouco por todo o país e ilhas, além de ter sido vencedor da categoria *Artista* nos *Mais de 2012* do *Diário de Notícias* da Madeira.

Um dos fundadores e actual responsável da Associação Teatro Bolo do Caco, onde desenvolve projectos ligados ao teatro e circo de rua, à animação temática, à recriação histórica e à mediação cultural, explorando fundamentalmente temas e aspectos regionais, bem como a cultura e a história do arquipélago da Madeira. Prefaciou ainda os livros *Santo Orifício* de Bruno Miguel Resende (Porto: Edições Debalde, 2020) e *Teatralidades* de Jorge Ribeiro de Castro (no prelo). Actualmente está a desenvolver uma dissertação de mestrado em *Estudos Regionais e Locais* na Universidade da Madeira em torno de aspectos do fantástico na literatura madeirense.

¹ REIS, Amândio (2015), *O Livro Encenado: Escrita e Representação em Ana Teresa Pereira*, Lisboa: Edições Colibri.